

Sarney terá solidão à noite

Quando o presidente José Sarney voltar hoje à noite a Brasília, após o enterro do presidente Tancredo Neves, será pela primeira vez um homem defronte à brutal solidão de sua responsabilidade. O Presidente, mais envelhecido, chegando aos 55 anos, sentirá que tudo agora dependerá dele e de seu comportamento cívico e político, para impedir que esse País reflua para uma profunda ressaca de sentimentos cansados.

Depois da dor da perda, virá a realidade crua dos compromissos do governo com as reformas prometidas em campanha. O esforço do presidente Sarney terá de ser redobrado, pois terá que pensar as feridas da alma nacional, como chefe da Nação, e ao mesmo tempo cuidar para que o acervo administrativo tenha dinamismo e força para a implementação das mudanças.

O presidente Sarney não disporá de tempo: o prazo de carência que se dá a todo presidente que inicia mandato foi exaurido no desgaste emocional do povo ao esperar por 39 dias que seu líder Tancredo Neves fosse bafejado pelo milagre da sobrevivência. Sequer o Presidente da República contará com o benefício da formação do governo, pois terá que manter, até um prazo mais à frente, os critérios pessoais e os nomes de Tancredo no ministério, para não desarrumar o cenário que passa a ser a herança do fundador da Nova República.

O presidente Sarney está fadado a se transformar num guardião de símbolos sagrados, como comendador de uma ordem heróica, e tal papel terá que conviver com uma realidade crítica das exigências sociais de um melhor atendimento de problemas mais prementes para a melhoria das condições de bem-estar. Para começar, nesses próximos dias o Presidente terá que definir o patamar do salário mínimo, a ser anunciado ao País já na próxima quarta-feira. O chefe do governo não fez ainda sua reunião ministerial, e certamente não a fará antes que se reze a missa de sétimo dia pela memória do presidente Tancredo Neves, guardando o período de luto nacional de oito dias.

O homem José Sarney, de regresso hoje à noite de São João Del Rey, verá pela

primeira vez o descampado à sua volta: não terá a companhia de Tancredo para lhe afiançar os movimentos de sua afirmação política, e nem vestirá o fardão de líder da Nova República que pertencia ao falecido Presidente. Somente a ação, a intuição, alternadas em quase todos os momentos, guiarão o Presidente da República para a frente. Ele não deverá contemplar as glórias perdidas, à cata de uma iluminação que porventura reste dos escombros da esperança popular. Deverá agir, e tão somente agir, para não permitir que se instale a visão do vazio de poder, e a necessidade da constituinte das ruas. Hoje à noite, quando voltar a Brasília de São João Del Rey, Sarney deverá estar pensativo. Amanhã, não.

PRIMEIRO CRITÉRIO

O Presidente da República disporá de um critério preliminar para balizar seus primeiros rumos de ação institucional, a partir de amanhã. O presidente Tancredo Neves deixou assentadas, com poucos confidentes, regras fundamentais para o encaminhamento de seu projeto político. Uma delas era a que o mandato presidencial deveria ser de quatro anos, com eleição direta para sua sucessão em 88.

O deputado José Carlos Teixeira, que a esse respeito debateu com Tancredo, rebate a oportunidade de eleições em 87, como o ministro da Justiça, Fernando Lyra, aventou. Para os políticos, fazer uma eleição geral em 86 (Senado, Câmara e Assembléias), outra em 87 (Presidente da República), e mais outra em 88 (prefeitos e vereadores) seria massacrante de energia, finanças e liderança política. Sem falar que em 85, ainda em novembro, poderá haver eleição para prefeito das capitais, estâncias hidrominerais e antigos municípios de segurança nacional.

Tancredo — lembra o parlamentar sergipano do PMDB — desejava que as eleições presidenciais ocorressem juntas com as de prefeito e vereador: seria a união do topo à base.

IMPREVIDENTE

No mínimo, o governador Hélio Garcia foi imprevidente. E impossível sugerir qual seria o máximo.

LEONARDO MOTA NETO